Fascismo como paranóia na *Dialética do Esclarecimento*

Paulo Bruno Rosa Gomes (Bolsista do CNPq / Universidade Federal do Pará)
Orientador: Ernani Pinheiro Chaves

Tendo o propósito de elucidar a lógica da relação entre a concepção freudiana sobre a *paranóia* e o diagnóstico crítico de Theodor Wiesengrund Adorno e Max Horkheimer no que concerne à "enfermidade social" caracterizada pelo *anti-semitismo* fascista, o presente texto recorre, fundamentalmente, às teses expostas na IV parte da *Dialética do Esclarecimento* (1947), obra de co-autoria dos referidos críticos frankfurtianos.

Cabe ainda se ressaltar que a III seção do famoso estudo clínico *O Caso de Schreber* (1911), no qual Sigmund Freud diagnosticara como sendo um caso de *dementia paranoides* a enfermidade que acometera o Dr. em direito Daniel Paul Schreber, e intitulada "Sobre o mecanismo da paranóia", fornece elementos substanciais para a elucidação dos processos psíquicos envolvidos no desenlace da afecção (considerada, nesse período, *neuropsicótica*) conhecida como *paranóia.*

Dito isto, na IV parte da *Dialética do Esclarecimento* (DE), cujo título é "Elementos do Anti-Semitismo: Limites do esclarecimento", Adorno e Horkheimer investigam a questão da "paranóia fascista" de uma forma precisa e muito detalhada. Desse modo, ao longo desta argumentação, procurar-se-á elencar o que, de maneira prática, diz respeito ao desenlace dessa "neuropsicose social", e, sobretudo, ao conceito de *falsa projeção* aí introduzido por eles.

Nesse sentido, o "delírio fascista", segundo Adorno e Horkheimer, apresenta uma estrutura muito peculiar, porém, como tal, é também determinado pelos mesmos mecanismos envolvidos na produção do distúrbio paranóico. Assim, a aproximação entre a enfermidade de Schreber e a calamidade social expressa pelo fascismo não é fortuita. Na sua análise do anti-semitismo, os autores levantam dados que permitem, de fato, que se verifique de que maneira se encontram dispostos o mecanismo da formação de sintomas (a *projeção*) e os mecanismos repressivos (a *fixação*, a

repressão propriamente dita e o *retorno do reprimido*, ou seja, o próprio delírio) da paranóia. Também não se pode deixar de considerar ainda o papel decisivo exercido aí pela *teoria do narcisismo*, bem como pelo conceito de *regressão*.

Ressalta-se ainda que Adorno e Horkheimer têm, nesse momento, a perfeita noção do que representava o perigo dessa "patologia coletiva", pois ambos também foram vítimas da perseguição nazista. No entanto, segundo se constata no percurso por eles traçado ao longo de sua análise do anti-semitismo fascista, pode-se ainda assegurar que toda e qualquer forma de autoritarismo se constitui em um projeto de dominação política que tem uma finalidade intrínseca, e, a qualquer custo, dissimulada: interferir "na economia psíquica das pessoas, com o objetivo de desindividualizá-las ao máximo" [1]

E é justamente pelo fato de mobilizar elementos que dizem respeito à "economia psíquica das pessoas" que se torna possível empreender um estudo dessa natureza, qual seja, um estudo que se encontra intimamente ligado ao da *teoria da libido* freudiana. Dada a contundência desse argumento, eles puderam, de fato, afirmar que quanto maior é a força coercitiva impressa nessa interferência sobre os instintos da massa desindividualizada, maiores são as chances dessa massa, na ânsia de imitar o comportamento do opressor — imitação essa que aqui corresponde ao conceito adorniano de *mimese* —, descarregar sua angústia sobre todos aqueles que incitam, de um modo ou de outro, os seus desejos reprimidos pela violência dessa coerção.

Assim, não é por acaso que toda forma de totalitarismo, como se vê mais explicitamente no fascismo, consegue a adesão de uma parcela significativa dessa massa para que possa exercer essa mesma violência: através do pacto selado entre dominadores e dominados, faz-se sempre necessária a presença do objeto no qual se possa "corporificar" o desafeto, isto é, aquele que traga consigo as marcas da angústia próprias daqueles que as vivenciam de fato.

Dentro desse contexto, por outro lado, pode-se admitir que o esclarecimento também mobiliza o mecanismo da formação do sintoma fundamental da paranóia, a projeção. Como se sabe, no sentido propriamente psicanalítico, a projeção é o mecanismo pelo qual o sujeito expulsa de si e localiza no exterior — pessoa ou coisa — qualidades,

sistema alucinatório torna-se a norma racional do mundo, e, também, onde qualquer "desvio" é tomado como algo insuportável, ou até mesmo como algo aparentado à própria e ameaçadora "neurose", a qual, de acordo com a DE, já acometera o próprio fascismo.

Sem perder de vista a referida análise freudiana, e graças ao papel desempenhado pelo *esquecimento* da natureza que precisou ser, violentamente dominada, recalcada, nos primórdios da civilização, Adorno e Horkheimer denunciam o fato de que os "mesmos impulsos sexuais que a raça humana reprimiu souberam se conservar e se impor num sistema diabólico, tanto dentro dos indivíduos, quanto dos povos, na metamorfose imaginária do mundo ambiente" [4] É justamente de um tal sistema que a ordem totalitária retira toda a energia necessária para a manutenção do seu *status quo*. Assim, portanto, toda essa energia represada é posta a serviço dessa mesma ordem, só que agora voltada para a destruição de um outro objeto que não seja ela própria.

A dominação fascista, segundo a compreensão do significado do delírio para Freud, torna-se necessária na medida em que todo aquele "indivíduo obcecado pelo desejo de matar sempre viu na vítima o perseguidor que o forçava a uma desesperada e legítima defesa, e os mais poderosos impérios sempre consideraram o vizinho mais fraco como uma ameaça insuportável, antes de cair sobre ele" [5] Conforme essa mesma compreensão, Adorno e Horkheimer podem dizer que todo aquele que é escolhido para inimigo, passa, devido à ação da patologia paranóica, a ser percebido como inimigo. E é isso que caracteriza o distúrbio: a "incapacidade de o sujeito discernir no material projetado entre o que provém dele e o que é alheio" [6] Eis o resultado desse processo: o mundo se transforma em um sistema persecutório, povoado de entidades hostis.

Na tentativa de tornar isto ainda mais evidente, pode-se sustentar que tanto para Freud quanto para os autores frankfurtianos, nas palavras de Betty B. Fuks, na afecção narcísica paranóide, "a inquietante estranheza (*das Unheimliche*)" causada pelo outro, pela alteridade, é, na verdade, "uma estranheza intrínseca ao sujeito" [7] Assim sendo, "o estranho é a verdade assustadora do sujeito, que remonta ao que há muito lhe é conhecido e familiar: o desamparo" [8]

Visto sob esse prisma, Adorno e Horkheimer concordam com o fato de que a alteridade, o estranho, enfim, o outro, torna-se aquilo que,

sendo a um só tempo o mais exterior e o mais íntimo, não permite que o ego delirante se reconheça: "ao contrário, só se diz na angústia e no horror opaco de seu retorno: o face a face com o que não tem nome, o que está para além da fantasia" [9] Fica claro, assim, que, tal como destaca Fuks a respeito dessa idéia freudiana que também fora desenvolvida por Jacques Lacan em seu seminário intitulado *Angústia* (1962-1963), "o afeto do sujeito do inconsciente, que aflora quando esse ego é confrontado com o Estranho, é a angústia" [10]

Vê-se claramente que Adorno e Horkheimer, em meio às suas indagações sobre o ódio que o ego angustiado do fascista desenvolve em relação à diferença do outro, podem confirmar uma tal hipótese, na medida em que a violência sofrida pelos judeus na contemporaneidade os autoriza a pensar a destruição destes a partir dessa idéia de que o fascista, inconscientemente, reconhece que um elemento "demoníaco" habita, recôndito, nele mesmo. Curiosamente, ainda no referido texto de Fuks, encontra-se uma passagem que caracteriza muito bem o posicionamento dos frankfurtianos na DE frente a essa discussão, a saber: "no contexto dessa interpretação, o discurso do *Führer* alemão é exemplar, pois permite perceber com clareza que o judeu era, a um só tempo, o que ele guardava de mais íntimo e o que lhe era mais estranho: um estranho estrangeiro. 'O judeu habita em nós; porém, é mais fácil combatê-lo sob sua forma corporal do que sob a forma de um demônio invisível', confidenciou certa vez Adolph Hitler a Herman Rauching" [11]

Assim, na DE, pode-se afirmar que a massa, quando expropriada da capacidade de discernir entre o que lhe é próprio e o que pertence ao outro, e, ademais, quando é capturada pelas malhas fascinantes dos rituais miméticos expressos na figura do líder, do *Führer*, persegue o outro movida pela crença na hegemonia do ego e pelo esvaziamento da dimensão da alteridade. Desse modo, a idiossincrasia dos "camaradas de etnia" (*Volksgenossen*), componentes, por sua vez, da comunidade racial (*Volksgemeinschaft*), exige, pelo efeito da afecção paranóide que os assola, a hostilidade para com os *não-idênticos* (que como se sabe, no caso do fascismo, são todos os "não-arianos"), legitimando-se, sob essa condição, o poder de dominação sobre estes.

Nesse sentido, o judeu é inventado pelo anti-semita para que seus fantasmas eróticos e agressivos possam encontrar um corpo. Os

anteriormente na primeira parte desta investigação, na sua análise do caso de Schreber. Dada essa confluência argumentativa, na DE, eles sustentam o ponto de vista de que, por um horror à idéia da castração, o sujeito torna-se irrestritamente obediente à figura da autoridade paterna, chegando até *ao extremo de antecipá-la*: assim, ele passa a assimilar "sua vida afetiva à vida de uma menina, e o ódio do pai se vê recalcado como um eterno rancor" [25]

O agravamento desse quadro se dá quando, a exemplo da afecção paranóide, esse mesmo ódio leva o indivíduo a ansiar pela castração, revertendo-se esse afeto, pela ação dessa patologia, em um desejo irrefreável de *destruição generalizada*.

Em vista disso, pode-se claramente entender que o delírio paranóico faz com que o indivíduo procure desesperadamente encontrar uma referência sólida na realidade, contudo, ele "volta-se para tudo sem nenhum referencial" [26] real. É por isso que Adorno e Horkheimer ressaltam, textualmente na DE, que a "projeção patológica é um recurso desesperado do ego que, segundo Freud, proporciona uma proteção infinitamente mais fraca contra os estímulos internos do que contra os estímulos externos" [27] E, em se tratando disso, sob "a pressão da agressão homossexual represada, o mecanismo psíquico esquece sua mais recente conquista filogenética, a percepção de si, e enxerga essa agressão como um inimigo no mundo para melhor enfrentá-lo" [28]

Em suma, de modo geral, e tendo contado com as referidas contribuições de Freud, os frankfurtianos querem dizer com tudo isso que a verdadeira projeção consiste em uma estruturação da realidade externa a partir de processos psíquicos internos ao sujeito, mas tais processos devem incluir a capacidade de reflexão sobre as informações vindas de fora, veiculadas através do aparelho sensorial. O exterior é parcialmente modelado pelo interior, mas esse interior não deve ser vazio, isto é, seus conteúdos devem vir do mundo exterior, e tampouco passivo, na medida em que tais conteúdos têm de ser trabalhados, reflexivamente, pelo sujeito. Só desse modo é que o que deve ser posto no real por esse sujeito não correria o risco de ser apenas fruto do poder de sua subjetividade arbitrária: "o sujeito se inscreve no objeto, não para aboli-lo, mas para interpretá-lo, e essa interpretação é em si modelada por um trabalho de reflexão cujo material é fornecido pelo próprio objeto" [29] Como assim é, torna-se

possível compreender o porquê da "necessidade de irracionalidade" de toda forma de anti-semitismo, visto que:

> Pouco importa como são os judeus realmente; sua imagem, na medida em que é a imagem do que já foi superado, exibe os traços aos quais a dominação totalitária só pode ser hostil: os traços da felicidade sem poder, da remuneração sem trabalho, da pátria sem fronteira, da religião sem mito. Esses traços são condenados pela dominação porque são a aspiração secreta dos dominados. A dominação só pode perdurar na medida em que os próprios dominados transformarem suas aspirações em algo de odioso. Eles fazem isso graças à projeção patológica, pois também o ódio leva à união com o objeto — na destruição [30]

NOTAS

[1] DUARTE, R. *Adornos: Nove Ensaios sobre o Filósofo Frankfurtiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 58.
[2] ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 174.
[3] Ibid., p. 160.
[4] Ibid., p. 174.
[5] Ibid., pp. 174-175.
[6] Ibid., 175.
[7] FUKS, B. B. *Freud e a Judeidade: a Vocação do Exílio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 81.
[8] Ibid., ibid.
[9] Ibid., p. 82.
[10] Ibid., ibid.
[11] Ibid., pp. 91-92.
[12] ADORNO e HORKHEIMER, p. 177.
[13] ROUANET, p. 142.
[14] Ibid., pp. 142-143.
[15] ADORNO e HORKHEIMER, ibid.
[16] Ibid., ibid.
[17] Ibid., ibid.

[18] Ibid., pp. 177-178.
[19] Ibid., p. 178.
[20] Ibid., ibid.
[21] Ibid., ibid.
[22] Ibid., ibid.
[23] Ibid., ibid.
[24] Ibid., ibid.
[25] Ibid., ibid.
[26] Ibid., ibid.
[27] Ibid., pp. 179-180.
[28] Ibid., p. 180.
[29] ROUANET, ibid., p. 143.
[30] ADORNO e HORKHEIMER, pp. 185-186.